



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração—Calçada do Combro, 38-A, 2.º

—Lisboa—PORTUGAL

Enr. telegr. Tinha—Lisboa • Telefone: 1

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Boatos...

Por que se deu a coincidência de, ao mesmo tempo que os ferroviários do Estado declararam o presente movimento, estarem em luta os ferroviários da França e se encontrarem talvez muito próximo da greve os de Espanha, já uns jornais aventam a ideia de que se trata duma acção de carácter internacional, consertada pelos organismos operários de vários países e preparada com o intuito de levar por diante uma revolução geral dos trabalhadores a fim de se tentar impor uma nova ordem de coisas, a qual nova ordem de coisas a substituição das actuais instituições políticas e económicas da Europa por instituições diametralmente diferentes, impostas pelos elementos avançados.

Estamos autorizados a declarar que semelhante hipótese nada tem de verossímil pela simples razão de que ainda não chegou o momento propício a tal acontecimento, que, não há dúvida, há de verificar-se num futuro próximo, muito mais próximo do que o deseja a burguesia.

O movimento que neste instante convulsiona os ferroviários portugueses não tem ligação próxima ou remota com o dos seus colegas do estrangeiro, sucedendo até que os motivos que determinaram a greve dos da França são de natureza completamente oposta, porquanto se baseiam na perseguição exercida contra um elemento da classe, ao passo que a razão que levou entre nós a greve os nossos camaradas que exercem a sua actividade nas linhas do Estado se baseia, como é do domínio público, na circunstância de não ter sido satisfeita uma reclamação de aumento de vencimentos, feita há quatro meses, e que exclui a ideia de quaisquer entendimentos internacionais.

Não se justifica, portanto, a exploração que se vem fazendo a propósito do movimento grevista dos ferroviários portugueses, mas se algum tem dúvida a este respeito, essas dúvidas desaparecerão absolutamente se o governo, que aliás não pode partilhar de tais dúvidas, for habilidoso a solucionar o conflito hoje mesmo, pósto que desde que se succedesse a greve terminaria imediatamente e assim se provaria que não existem aqueles supostos entendimentos. Há também quem afirme que o presente movimento dos ferroviários é o sinal dado para a realização dum levantamento simultâneo de todas as classes de trabalhadores portugueses, que desdobram a sua revolução em greve geral, com intuições francamente revolucionárias ou "bolchevistas".

Esta versão é tam inconsistente como a outra, porque em boa verdade desde 18 de Novembro de 1918, em que a União Operária Nacional tentou efectuar um movimento que tinha por objectivo reclamar o barateamento da vida para todos os consumidores, o movimento que fôlhou, só se tem limitado a cabo greves gerais por espírito de solidariedade operária.

É porém, possível, é até mesmo possível certo, que desde que a greve dos ferroviários do Estado se prolongue—e se isso succeder não há de caber as respectivas responsabilidades a aqueles nos camaradas—atrás dessa corporação outras corporações operárias venham à luta, trazidas pelo mesmo motivo: a exiguidade do salário que auferem em face da turbaria elevação do preço das coisas.

Não, porém, maneira de evitar semelhante acontecimento, que, a dar-se, pode traduzir uma grande gravidade—promoverem os governantes a solução imediata do conflito em trânsito.

Se o não fizerem, não terão que queimar a senão da sua própria conduta.

"A ditadura do proletariado,"

Aparece hoje à venda na administração deste jornal e em todas as livrarias o livro de J. Carlos Rutes, **A ditadura do proletariado**, editado pela secção editorial de **A Batalha**.

Sindicato Ferroviário da C. P.

NOTA OFICIAL

Os corpos gerentes ou, indo as demarcações de ontem da Comissão de Melhoramentos, convidam o pessoal a manter-se com ordem e calma, esperando as ordens que de momento lhe possam ser dadas pela Central.

A comissão espera levar a cabo em breve as demarcações encetadas tanto respeitantes à C. P. e linhas combinadas, como mesmo no respeitante a casos morais dos camaradas do Sul e Sueste.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Funcionalismo

Noutros tempos o funcionário era uma grande força passiva onde o Estado se apoiava. Mas o tempo passa e as ideias mudam. Agora os funcionários, impelidos pela carestia da vida e pelas ideias políticas, viram que o Estado é um carrasco defensor das classes abastadas, sempre pronto a assaltar os pequenos. Por isso os funcionários, descontentes do Deus-Estado, reclamam o que necessitam para viver. Está o Estado um tanto atrapalhado, porque tomou ao seu serviço alguns milhares de indivíduos e por fim declara não possuir recursos para lhes pagar. Que fará o Estado? Se não paga, temos greve e, portanto, serviços públicos paralisados. Se corta no soldo, a militância para satisfazer os funcionários? Se tentarmos uma greve de militares (?!). Se contra empréstimos novos, há banca-róta pela certa. O caso está intrinsecado.

Não há dúvida que o pobre Estado ou põe a cabeça no prego ou então coloca os seus nos ovidos, como o macaco, e deixa-se ir para o fundo... ou vai para a Revolução Social.

E quem tem culpa disto?

Trigo arrematado No pátio do Governo Civil effectou-se ontem a venda em hasta pública de 16 sacas com trigo em mau estado, sendo arrematado por 200 escudos.

Esta de se pôr em hasta pública um género pódre, cujo arrematamento certamente não o comprou para o destino ao gualano, é o melhor atestado do equilíbrio raciocínio das autoridades...

Apostamos dobrado contra qualquer consumidor ainda há de comer pão feito com aquele trigo. Oh! se há-de!

Desumanidade! Deu-se pessoa amiga à tarefa de trazer a esta redacção um pão dos que estão presos da cadeia do Limoeiro...

Os dois chamaram Mãe à senhora que, sobre o joelho do pequeno número 5, abria um pequeno embrulho onde um ligeiro lance fazia esquecer os seus bocados passados às refeições.

Depois, o pequeno é interrogado sobre o passado e a maneira como é tratado, e aqui começa o caso a intrigar-me, a interessar-me, provocando a minha ansiedade de deslindar. O pequeno declara estar bem. Afirma mesmo estar satisfeito, e, ao contrário do que eu poderia supor, longe de focar no rosto da mãe uma alegria brilhante, vejo-a irritada, ostensivamente irritada e nervosa.

Por momentos, julgo estar em frente de uma alma endurecida, sobrevivência anacrónica de mãe antiga, antepondo ao afectos preconceito, e que, ávida de fazer sofrer seu filho um castigo a supostos delitos, o fosse encontrar bem, assistindo assim ao fracasso das agruras desejadas.

Porém, o olhar da criança—um olhar sereno e meigo—afasta-me a ideia de delito, e a mãe, entrando a falar, desabafando nervosíssima, em breve me a claria tudo.

Ela revoltava-se por não poder aceitar que seu filho considerasse aquilo bom. Era um evidente sinal de adaptação. Então ele, um filho de tam boas famílias, o pai com uma tam brilhante posição nas das colonias portuguesas, poderia adaptar-se a isso? Ah!... Não podia ser!... Era o princípio da corrupção. Era o ambiente, aquele ambiente nefasto onde os misturavam criminosamente, que já exercera no seu filho os seus perniciosos efeitos, os efeitos que sempre temera. Era esse ambiente que lhe estragava o bom, os nobres instintos, e daí a mais tempo, quem sabe em que seu filho se transformaria! Ah!... Não podia, não deveria ser!...

—Mãe não poderia tirar-lo?...
—Poderia... E não posso, sabe?...
—Sim. Não posso... E' isso... E' bem assim.

O diálogo estabeleceu-se com uma outra senhora do lado, que tem, nas suas, as mãos de um pequeno internado também insinuante e de feições regulares.

Penso que me vai ser facilitada a tarefa de que acabo de fazer. A mãe do pequeno número 5 está nervosíssima, uma rebelião no olhar, uma apostrofe suspensa. Parece rebentar, tenho a impressão que vou saber tudo num impetuoso desabafo, e nada...

A cólera que lhe ilumina o olhar, não consegue vencer a distância, que é, na mãe do pequeno número 5, o involucre de uma grandeza de alma. Mas o que não alcança a indignação, consegue o sentimento. O afecto maternal enfraquece-a.

As lágrimas revelam-lhe a expressão de revolta, e é assim que, entre soltos, por frases soltas, ligando aqui, reatando acolá, eu pude colher o princípio de umas informações a que depois apaixonadamente procedi, e em que fixei o seguinte:

O pequeno número 5 é bem uma síntese. Ele personifica a vítima desprotegida da dissolução da família, e que ao lado das cidades que a vida em si prepara às crianças nestas condições, encontra, nos próprios parentes, quem indistintamente os precipita nesses abismos, com a convicção dos estabelecimentos de assistência pública. De uma docilidade, de uma meiguice extremas, o pequeno número 5 estava idiosyncraticamente destinado a ser o orgulho de um professor que lhe modelasse o carácter sobre a sua excessiva sensibilidade, ou o pior criminoso quando, por uma reacção, sempre violenta nestes tempera-

Por cantar a Internacional Comunica-nos o nosso informador do governo civil que foi, em presas pela polícia Alberto Vicente, pintor, rua dos Cegos, 40, 1.º, José Pereira da Neves, Chafariz, 2, e José da Silva Oliveira, rua da Galé, 11, por andando na calçada de Santo André, cantando a Internacional.

Custa a compreender a razão porque os governos perseguem os indivíduos que cantam determinadas músicas. No tempo da monarquia não se podia abrir a boca para cantar a Marselhesa, que logo a polícia não deixasse a mão ao atrevido; durante a guerra chegou-se, em Paris, a abolir a música de Wagner, tam apreciada antes do conflito europeu; hoje cantar a Internacional é crime que se paga com a prisão. A polícia ocupa-se incansavelmente com as andanças musicais e é perigoso cantar a gente o que nos vem à ideia. Para que não nos aconteça alguma vamos passar a fazer coros das escolas sanitas, já assim pode o mercetário ali da esquina, dormir o seu sono descansado.

AMANHÃ

A entrega do Kaiser

(Resposta da Holanda)

Por HAMON

PELA ASSISTÊNCIA!

A TUTORIA DA INFÂNCIA

Após uma inesperada quarentena, posso enfim voltar ao assunto.

O caso que envolve o internado do pequeno número 5, caso que na **Batalha** de 2 de Fevereiro lhes prometi contar, se o destaque de todos os outros que, pela sua natureza íntima, abalariam os mais endurecidos, é porque, além de nele se consubstanciar todo o mecanismo daqueles estabelecimentos de assistência, apesar de nele se localizar num caso típico—a história mais pungente, de muitos internados—ele constitui para a minha grata missão de jornalista um legítimo orgulho, pela laboriosa maneira como o consegui desagregar.

A última hora surgiram complicações, novos detalhes e para os aclarar urgia proceder com prudência entre imprevisíveis escolhos. E' que se verificaram interesses baixos de gente grã-duca e melindres pessoais—pequenas lachas da vida privada—que carinhosamente eu devo respeitar.

A dissecação do caso foi-me quasi imposta.

A minha atenção foi violentamente solicitada por uma viva curiosidade, que entre todas as visitas, em todos os olhares, ainda humedecidos, eu via dirigir-se para o lugar onde o pequeno número 5 se deixava acariciar.

Verdadeiramente, o pequeno era digno dessa solicitude. De feições regulares e porte distinto, evolava-se do seu todo um não sei que de melancólico, de gravidade precoce, que vitoriosamente o impunha. Ao lado, a acirrar mais esta curiosidade, destacavam também pela elegância: uma menina verdadeiramente figurinha de agurela, e uma senhora de uma distinção discreta, sem alvitre. Tudo se conjugava, pois, a provocar a bisbilhotice.

Avancei e, ao aproximarmos, notei logo a semelhança de traços entre o pequeno número 5 e essa delicada **ganineta** que o ladeava. Concluí rapidamente que ambos deviam a beleza e a melancólica gravidade a uma só mãe. A confirmação não demorou muito, e ainda me trouxe um não insignificante detalhe.

Ouvi os dois chamarem Mãe à senhora que, sobre o joelho do pequeno número 5, abria um pequeno embrulho onde um ligeiro lance fazia esquecer os seus bocados passados às refeições.

Depois, o pequeno é interrogado sobre o passado e a maneira como é tratado, e aqui começa o caso a intrigar-me, a interessar-me, provocando a minha ansiedade de deslindar. O pequeno declara estar bem. Afirma mesmo estar satisfeito, e, ao contrário do que eu poderia supor, longe de focar no rosto da mãe uma alegria brilhante, vejo-a irritada, ostensivamente irritada e nervosa.

Por momentos, julgo estar em frente de uma alma endurecida, sobrevivência anacrónica de mãe antiga, antepondo ao afectos preconceito, e que, ávida de fazer sofrer seu filho um castigo a supostos delitos, o fosse encontrar bem, assistindo assim ao fracasso das agruras desejadas.

Porém, o olhar da criança—um olhar sereno e meigo—afasta-me a ideia de delito, e a mãe, entrando a falar, desabafando nervosíssima, em breve me a claria tudo.

Ela revoltava-se por não poder aceitar que seu filho considerasse aquilo bom. Era um evidente sinal de adaptação. Então ele, um filho de tam boas famílias, o pai com uma tam brilhante posição nas das colonias portuguesas, poderia adaptar-se a isso? Ah!... Não podia ser!... Era o princípio da corrupção. Era o ambiente, aquele ambiente nefasto onde os misturavam criminosamente, que já exercera no seu filho os seus perniciosos efeitos, os efeitos que sempre temera. Era esse ambiente que lhe estragava o bom, os nobres instintos, e daí a mais tempo, quem sabe em que seu filho se transformaria! Ah!... Não podia, não deveria ser!...

—Mãe não poderia tirar-lo?...
—Poderia... E não posso, sabe?...
—Sim. Não posso... E' isso... E' bem assim.

O diálogo estabeleceu-se com uma outra senhora do lado, que tem, nas suas, as mãos de um pequeno internado também insinuante e de feições regulares.

Penso que me vai ser facilitada a tarefa de que acabo de fazer. A mãe do pequeno número 5 está nervosíssima, uma rebelião no olhar, uma apostrofe suspensa. Parece rebentar, tenho a impressão que vou saber tudo num impetuoso desabafo, e nada...

A cólera que lhe ilumina o olhar, não consegue vencer a distância, que é, na mãe do pequeno número 5, o involucre de uma grandeza de alma. Mas o que não alcança a indignação, consegue o sentimento. O afecto maternal enfraquece-a.

As lágrimas revelam-lhe a expressão de revolta, e é assim que, entre soltos, por frases soltas, ligando aqui, reatando acolá, eu pude colher o princípio de umas informações a que depois apaixonadamente procedi, e em que fixei o seguinte:

O pequeno número 5 é bem uma síntese. Ele personifica a vítima desprotegida da dissolução da família, e que ao lado das cidades que a vida em si prepara às crianças nestas condições, encontra, nos próprios parentes, quem indistintamente os precipita nesses abismos, com a convicção dos estabelecimentos de assistência pública. De uma docilidade, de uma meiguice extremas, o pequeno número 5 estava idiosyncraticamente destinado a ser o orgulho de um professor que lhe modelasse o carácter sobre a sua excessiva sensibilidade, ou o pior criminoso quando, por uma reacção, sempre violenta nestes tempera-

mentos, ele fosse abandonado às patadas do galopar desenfreado da vida contemporânea.

Na idade das primeiras letras, depois do divórcio entre os pais, o pequeno é bruscamente levado dos afagos maternos, a casa da avó paterna, um ambiente carregado de intrigas onde toda a roupa suja do conflito havido era constante e injuriosamente apreciada.

A completar esta iniciação, depois de lhe exacerbarem o sentimentalismo nativo, com uma educação particular de feitiosíssima, metem-no, sem transição alguma, no colégio militar, quando, pelos vícios de uma educação perniciosíssima, pouco lhe faltava para ser uma menina.

O novo ambiente era brutal, ingrato, o choque era inevitável. O seu temperamento, os seus nobres instintos, a parte mais limpa, mais prometedora do seu carácter, é barbaramente espinhada, e o pequeno, reactivamente, perde o amor ao estudo e anseia por pedregas verdadeiramente precoces. Perde dois anos, e, na continuação desta senda perigosa, é metido no liceu, entregue a si próprio, quando mais vigilância, para o seu futuro ameaçado, se impunha.

Desta maneira, como não perder mais um ano, vender livros, e precipitar-se noutras garotadas, em que pequenos furtos vem suprir o desequilíbrio económico, causado pelas liberalidades prigosas?

Não o viram assim os tios, e a concluir bate lento assassinar de um espírito, este deslizar de uma personalidade, lançam a ideia de um internado, surge como uma cataplasma: a Tutoria da Infância.

A mãe insiste, e o padrasto, conhecendo o perigo a que o pequeno se expunha, concedendo a promiscuidade que ali se pratica, aconselha a vir o enteado para a companhia de ambos.

O pequeno volta a receber os afagos maternos, mas estes não são já suficientes para diluir todos os efeitos do seu carácter viciado e depois de cometidas várias tropelias que demandavam um sério cuidado, uma terapêutica, uma pedagogia adequadas, o pequeno, sob promessa da necessária educação, é entregue aos tios, oficiais do exército, um deles herói na Flandres, e um outro da arma de engenharia que já foi condecorado para tomar assento num **fanteuil** ministerial.

Pois os tios, bem colocados, representando um deles o pai, que numa das principais colónias portuguesas aulera grandes ordehados, sem nenhum respeito pela educação do sobrinho, sem pensar ainda que o pequeno está a tirar o lugar a algum desgraçado que não tem outro recurso que a Tutoria da Infância, não hesita em libertar-se dos compromissos tomados e abandonam a criança para os piores contágios daquela casa de correcção.

O pequeno já foi julgado, há meses. O seu comportamento é a admiração dos guardas e de molde a ser, segundo o regulamento, entregue à família.

Pois a Tutoria conserva-o, não sei para quê, e admitto-o não sei como, pois mais ninguém, a não ser os tios, foram ouvidos, não o tendo sido a mãe, que, não sei por interdição, é sempre ouvida em tais momentos.

Tal é a história do pequeno número 5. Tal é a odisseia de muitos internados.

mentos, ele fosse abandonado às patadas do galopar desenfreado da vida contemporânea.

Na idade das primeiras letras, depois do divórcio entre os pais, o pequeno é bruscamente levado dos afagos maternos, a casa da avó paterna, um ambiente carregado de intrigas onde toda a roupa suja do conflito havido era constante e injuriosamente apreciada.

A completar esta iniciação, depois de lhe exacerbarem o sentimentalismo nativo, com uma educação particular de feitiosíssima, metem-no, sem transição alguma, no colégio militar, quando, pelos vícios de uma educação perniciosíssima, pouco lhe faltava para ser uma menina.

O novo ambiente era brutal, ingrato, o choque era inevitável. O seu temperamento, os seus nobres instintos, a parte mais limpa, mais prometedora do seu carácter, é barbaramente espinhada, e o pequeno, reactivamente, perde o amor ao estudo e anseia por pedregas verdadeiramente precoces. Perde dois anos, e, na continuação desta senda perigosa, é metido no liceu, entregue a si próprio, quando mais vigilância, para o seu futuro ameaçado, se impunha.

Desta maneira, como não perder mais um ano, vender livros, e precipitar-se noutras garotadas, em que pequenos furtos vem suprir o desequilíbrio económico, causado pelas liberalidades prigosas?

Não o viram assim os tios, e a concluir bate lento assassinar de um espírito, este deslizar de uma personalidade, lançam a ideia de um internado, surge como uma cataplasma: a Tutoria da Infância.

A mãe insiste, e o padrasto, conhecendo o perigo a que o pequeno se expunha, concedendo a promiscuidade que ali se pratica, aconselha a vir o enteado para a companhia de ambos.

O pequeno volta a receber os afagos maternos, mas estes não são já suficientes para diluir todos os efeitos do seu carácter viciado e depois de cometidas várias tropelias que demandavam um sério cuidado, uma terapêutica, uma pedagogia adequadas, o pequeno, sob promessa da necessária educação, é entregue aos tios, oficiais do exército, um deles herói na Flandres, e um outro da arma de engenharia que já foi condecorado para tomar assento num **fanteuil** ministerial.

Pois os tios, bem colocados, representando um deles o pai, que numa das principais colónias portuguesas aulera grandes ordehados, sem nenhum respeito pela educação do sobrinho, sem pensar ainda que o pequeno está a tirar o lugar a algum desgraçado que não tem outro recurso que a Tutoria da Infância, não hesita em libertar-se dos compromissos tomados e abandonam a criança para os piores contágios daquela casa de correcção.

O pequeno já foi julgado, há meses. O seu comportamento é a admiração dos guardas e de molde a ser, segundo o regulamento, entregue à família.

Pois a Tutoria conserva-o, não sei para quê, e admitto-o não sei como, pois mais ninguém, a não ser os tios, foram ouvidos, não o tendo sido a mãe, que, não sei por interdição, é sempre ouvida em tais momentos.

Tal é a história do pequeno número 5. Tal é a odisseia de muitos internados.

mentos, ele fosse abandonado às patadas do galopar desenfreado da vida contemporânea.

Na idade das primeiras letras, depois do divórcio entre os pais, o pequeno é bruscamente levado dos afagos maternos, a casa da avó paterna, um ambiente carregado de intrigas onde toda a roupa suja do conflito havido era constante e injuriosamente apreciada.

A completar esta iniciação, depois de lhe exacerbarem o sentimentalismo nativo, com uma educação particular de feitiosíssima, metem-no, sem transição alguma, no colégio militar, quando, pelos vícios de uma educação perniciosíssima, pouco lhe faltava para ser uma menina.

O novo ambiente era brutal, ingrato, o choque era inevitável. O seu temperamento, os seus nobres instintos, a parte mais limpa, mais prometedora do seu carácter, é barbaramente espinhada, e o pequeno, reactivamente, perde o amor ao estudo e anseia por pedregas verdadeiramente precoces. Perde dois anos, e, na continuação desta senda perigosa, é metido no liceu, entregue a si próprio, quando mais vigilância, para o seu futuro ameaçado, se impunha.

Desta maneira, como não perder mais um ano, vender livros, e precipitar-se noutras garotadas, em que pequenos furtos vem suprir o desequilíbrio económico, causado pelas liberalidades prigosas?

Não o viram assim os tios, e a concluir bate lento assassinar de um espírito, este deslizar de uma personalidade, lançam a ideia de um internado, surge como uma cataplasma: a Tutoria da Infância.

A mãe insiste, e o padrasto, conhecendo o perigo a que o pequeno se expunha, concedendo a promiscuidade que ali se pratica, aconselha a vir o enteado para a companhia de ambos.

O pequeno volta a receber os afagos maternos, mas estes não são já suficientes para diluir todos os efeitos do seu carácter viciado e depois de cometidas várias tropelias que demandavam um sério cuidado, uma terapêutica, uma pedagogia adequadas, o pequeno, sob promessa da necessária educação, é entregue aos tios, oficiais do exército, um deles herói na Flandres, e um outro da arma de engenharia que já foi condecorado para tomar assento num **fanteuil** ministerial.

Pois os tios, bem colocados, representando um deles o pai, que numa das principais colónias portuguesas aulera grandes ordehados, sem nenhum respeito pela educação do sobrinho, sem pensar ainda que o pequeno está a tirar o lugar a algum desgraçado que não tem outro recurso que a Tutoria da Infância, não hesita em libertar-se dos compromissos tomados e abandonam a criança para os piores contágios daquela casa de correcção.

O pequeno já foi julgado, há meses. O seu comportamento é a admiração dos guardas e de molde a ser, segundo o regulamento, entregue à família.

Pois a Tutoria conserva-o, não sei para quê, e admitto-o não sei como, pois mais ninguém, a não ser os tios, foram ouvidos, não o tendo sido a mãe, que, não sei por interdição, é sempre ouvida em tais momentos.

Tal é a história do pequeno número 5. Tal é a odisseia de muitos internados.

mentos, ele fosse abandonado às patadas do galopar desenfreado da vida contemporânea.

Na idade das primeiras letras, depois do divórcio entre os pais, o pequeno é bruscamente levado dos afagos maternos, a casa da avó paterna, um ambiente carregado de intrigas onde toda a roupa suja do conflito havido era constante e injuriosamente apreciada.

A completar esta iniciação, depois de lhe exacerbarem o sentimentalismo nativo, com uma educação particular de feitiosíssima, metem-no, sem transição alguma, no colégio militar, quando, pelos vícios de uma educação perniciosíssima, pouco lhe faltava para ser uma menina.

O novo ambiente era brutal, ingrato, o choque era inevitável. O seu temperamento, os seus nobres instintos, a parte mais limpa, mais prometedora do seu carácter, é barbaramente espinhada, e o pequeno, reactivamente, perde o amor ao estudo e anseia por pedregas verdadeiramente precoces. Perde dois anos, e, na continuação desta senda perigosa, é metido no liceu, entregue a si próprio, quando mais vigilância, para o seu futuro ameaçado, se impunha.

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Os apelos de **A Batalha** ao operariado consciente, para que atente na situação económica do seu porta-voz na imprensa, tem sido ouvidos e a prova-lo está a lista que hoje publicamos e a falta de espaço, ainda não demos publicidade.

Transporte..... 2.900\$15

António de Matos..... \$50

Tomás Domingos de Oliveira..... \$100

João Loureiro..... \$100

António Cardoso..... \$20

Lucas Patrício..... \$50

Manuel Figueiredo..... \$350

João M. Amaral..... \$50

Núcleo J. Sindicalista do Barreiro..... \$85

Núcleo Juventude Sindicalista de Almada..... \$410

Quadro tipográfico do **Popular**..... \$55

João Madeira..... \$50

José Cristiano..... \$30

José Castanho Júnior..... \$50

Quete numa litarria (ao Beato)..... \$385

Associação dos Eucadernadores (oficina judicial)..... \$800

Bairro Social de Alcântara (de um telegrama)..... \$50

Adriano A. Oliveira..... \$30

Grupo de operários da Escola Naval..... \$150

Manuel Rocha..... \$50

Anónimos..... \$150

José B-medey..... \$200

Augusto Carlos Rodrigues..... \$305

Quete na Associação de Classe dos Alfaiates..... \$50

Um barbeiro..... \$20

Um barbeiro..... \$35

Maria Patrocínio, Raúl Malva, Urbano Vidal, Guilherme Santos e Delfim Silva..... \$50

Gambao..... \$30

Manuel Monteiro..... \$50

Um grupo de barbeiros..... \$50

José Luís Pereira..... \$10

Matilde de Jesus..... \$80

Quete na Secção da C. C. do Alto do Pina..... \$700

Manipuladores e Esivadores das fábricas de conservas de Setúbal..... \$475

Quete da Juventude Sindicalista de Beja..... \$600

Eduardo A. S. Oliveira (Pensão que lhe deu a Caixa de Socorros dos Inscritos Marítimos)..... \$50

Alvaro Botelho..... \$50

Júlio Campos..... \$50

FERRAGENS E FERRAMENTAS

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C.^{ta}
Telefones (central) 2778 e gramas Ferrame
Ferramental completo para todos os officios
Ferragens de todas as qualidades, chapas de
latão, zinco, chumbo e arames diversos.
Carris, vagonetas e todos os pertences de m
"Decauville"

22, largo de S. Julião, 23
70 Rua Nova do Almada, 1, 3
LISBOA

Seguros Sociais Obrigatórios
Contra desastres no trabalho
Pedir as cadernetas para a inscrição obrigatória do pessoal ao C
CIO GERAL DE SEGUROS CONTRA ACIDENTES E RESPONSABILIDADE CIVIL.
LISBOA, RUA IVENS, 49 —
PORTO, RUA SÁ DA BANDEIRA, 2

ANOTAS????
ajam económicos III **Electricidade**

Como vestir bem e barato??

UMA ALFAIATARIA JAPONA-
nda se viram fatos e sobretudos ficando
os novos, baratos e no rigor da moda.
Atualidade em obra de cinto, variado
e de de fazendas e tecidos resumidos,
certam-se fatos a feitiço.

uma do Sol ao Rato, 215, loja e 3.^o
rua, esquina S. João dos Bemcasas-
- (Entrada à porta, carro de E-
-letricidade Postal e Mercado).

Enfardadeiras, arame de enfardar, foices,
nhas, locomoveis, motores, cimento, tijolo e
fractario, serra fita e circular, cunhas, marretas
e britadeiras, arames, chumbo em tubo, barra

SIFILIS

dele é feita de plantas
e delas se doze vezes
mais. Contém a
e o zinco.

**Zinco em chapa. Barra e laminas para caldeira
e metal antirfusão.**

Aos melhores preços

Parafusos com porca, cantaria e outras ferr...

Fósforos

P. Gini—Director

Alves Macedo & Borges, S.^{res} 249
Rua do Bom Jardim, 69 — PORTO

22 Telefone C. - 4329

Veja os preços por caixa de 3:600 unidades (25 grosas):

Esforços de enxôfre 36500 ou \$01 por unidade; ditos Amoros, 72500 ou \$02; ditos de Cera Comum, 72500 ou \$02;

de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de
oie), 36\$00 ou \$04; ditos de Cera
de Luxo n.º 2 (quarto de caixaote), 27\$00
\$03 por caixinha, com o desconto
de 100j0, seja qual for o número
de peças pedidas.

Qualquer queixas acerca da demora
execução dos pedidos ou falta de
cessão do desconto, devem ser diri-
à Companhia Portuguesa de Fós-

OURO!!!

paga feito— *So milagre!!!*
OURO
 mprem na conhecida e acreditada
 Paiva & Fraga.
 sempre grande sortido de cordões,
 ntes, anéis, alfinetes e mais objec-
 2.º: mão renovados em pouco

paga feito— *So milagre!!!*
OURO
 mprem na conhecida e acreditada
 Paiva & Fraga.
 sempre grande sortido de cordões,
 ntes, anéis, alfinetes e mais objec-
 2.º: mão renovados em pouco

12, R. da Palma, 4 a 12
Junto à Casa das Galoias
TELEFONE 3676

BLIME CALÇADO
todas as qualidades e preços
FABRICO MANUAL
ninguém compre sem pri-

**Compre e vende por
os melhores cotações**

URO COMPRA-SE e
paga-se bem, pra-
tamente qualquer
quantidade.

JOARIA E OURIVSARIA
do CAIS DO SODRÉ

Rua do Ouro,
Telef. 1493-C